

O bacharel Salomão II, pseudónimo de Camilo Castelo Branco: nove sonetos esquecidos que visam Ramalho Ortigão e Eça de Queirós

Patrícia Franco* 

Introdução

No ano anterior à sua morte, Camilo Castelo Branco concebeu a ideia de um pequeno livro de poemas sob pseudónimo: *Dez sonetos de sensação pelo bacharel Salomão II e prefaciados por Herodes IV*. Segundo Alexandre Cabral (2003, p. 63), este pseudónimo nunca chegou a ser usado, e “o voluminho [...] acabaria por sair, em 1890, com o título definitivo *Nas Trevas*”. Esta informação coincide com a de Júlio Dias da Costa (1930, p. 129): “O livro veio realmente a sair, em 1890, mas editado por Tavares Cardoso & Irmão, de Lisboa. Intitula-se *Nas Trevas* e foi o último livro de Camilo”.

Pensaríamos que estes dez sonetos, ou quase todos, fariam parte de *Nas trevas*. No entanto, podemos afirmar que apenas um consta no último livro de poesia de Camilo, e que os restantes nove foram, afinal, publicados sob o pseudónimo o bacharel Salomão II, em setembro de 1889; oito em *O Diário Ilustrado* (nos dias 6, 7, 12, 13, 16, 17, 19 e 21) e um no *Correio da Manhã* (no dia 21).

Correspondência

Vejamos alguns excertos de cartas de Camilo e Ana Plácido que fazem referência a estes sonetos:

De Camilo para Freitas Fortuna, 13/07/89:

O soneto que hontem lhe mandei deve intitular-se: ‘Votos pela outra metade’. Acrescente ao soneto o seguinte: ‘Nota do author. O penultimo verso, comquanto esteja correcto, tem uma dureza escabrosamente cornea. Fez-se de proposito para condizer com o assumpto’. (COSTA, 1930, p. 81-82)

Júlio Dias da Costa (1930, p. 82) refere que o “soneto *Votos pela outra metade*, falado nesta carta e na xciv, deve ser o que foi publicado no livro *Nas Trevas*, p. 73, com o título *A outra metade*”.

De Camilo para Freitas Fortuna, 20/08/89:

Envio-lhe uma epigraphe para o soneto ‘votos pela outra metade’.
Provavelmente terá de ser publicado em algum dos volumes. O verso onze deve ser assim alterado:

* Mestra em Crítica Textual pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), Lisboa, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2525-4799>. E-mail: patriciabsfranco@gmail.com

‘Dirá com ricas phrases nunca vistas:’

A assignatura deve ser: O bacharel Salomão 2.º. (COSTA, 1930, p. 109)

Esta emenda confirma a hipótese de Júlio Dias da Costa de que o soneto foi o publicado em *Nas trevas* sob o título “A outra metade”; de notar a variante “Dirá em ricas” em lugar de “Dirá com ricas”. O soneto, tal como todos os outros incluídos nesta obra, foi publicado sem epígrafe.

De Camilo para Freitas Fortuna, 15/09/89:

Estive a pensar no titulo da nossa collecção, e achei que elle não pode abranger obras da mocidade e obras da velhice, porque os dois ultimos volumes tem de ser preenchidos de escriptos dos ultimos annos, por exemplo, a Suicida, o Obulo, etc.

Cumpria talvez que a obra se intitulasse *Delictos da mocidade e da velhice, os primeiros e os ultimos attentados literarios de...*¹

Não vale a pena inutilizar o frontispicio que está feito. O meu irmão² cá fica para remediar o que for possível.

Tenho escripto 6 sonetos relativos á questão do Ramalho com o Paiz por causa do cão da franceza³.

Talvez apareçam no ultimo volume. (COSTA, 1930, p. 126-127)

De Ana Plácido para Freitas Fortuna, 19/09/89: “Camillo sempre na mesma desanimação. Não quer mandar-lhe os sonetos sem ter todos os que tenciona escrever. Já são 8”. Esta carta foi acompanhada de uma nota de Camilo:

Bases de contracto que o meu presado amigo Freitas Fortuna terá a bondade de propor ao snr. Eduardo da Costa Santos:

Um opusculo com 10 sonetos. Edição esmerada. Os 10 sonetos serão impressos em 20 paginas, abrangendo cada soneto duas. Oito d’estes sonetos referem-se ao Ramalho; o 9.º aos subsidios a varios malandros que foram a Paris; o 10.º refere-se á *Outra metade* e que o meu Freitas já conhece. O titulo será *Dez sonetos de sensação pelo Bacharel Salomão 2.º e prefaciados por Herodes 4.º*.

O folheto será vendido por 200 rs., e eu receberei o valor de 500 exemplares ou cem mil reis. Não me importa que se saiba ser eu o auctor, mas na obra manter-se-há o pseudonymo. Estes sonetos serão remettidos ao meu amigo Freitas Fortuna. (COSTA, 1930, p. 128-129)

¹ Preparava-se *Delitos da mocidade. Primeiros atentados literarios de Camilo Castelo Branco* (1889), livro editado por Eduardo da Costa Santos e anotado por João António de Freitas Fortuna. Os textos introdutórios datam de agosto. A página 269 indica “fim do I volume da collecção”; no entanto, esta não teve seguimento. (COSTA, 1930)

² Irmão: tratamento amigável por vezes presente nas cartas de Camilo e de Ana Plácido a Freitas Fortuna, sinal de grande proximidade e confiança. De acrescentar que, a pedido do escritor, os seus restos mortais ficaram no jazigo da família Freitas Fortuna, no Cemitério da Lapa, no Porto.

³ Ramalho Ortigão foi preso por tentar ajudar uns franceses cujo cão fora capturado por um funcionário de um canil municipal. (LOBATO, 1889, p. 194)

A divisão temática aqui referida ajuda-nos a concluir que os nove sonetos do bacharel Salomão II publicados em setembro de 1889 fazem parte deste conjunto, e que o décimo foi publicado em *Nas trevas*.

De Ana Plácido para Freitas Fortuna, 22/09/89: “Camillo não ficou satisfeito por Costa Santos não aceitar a proposta. Como elle editou ha pouco um folheto e se fallava muito na extraordinaria venda, imaginavamos grandes lucros ao editor. Entram 13 sonetos, incluindo um de prefacio, e annotados”. (COSTA, 1930, p. 129-130)

De Camilo para Costa Santos, 25/09/89⁴:

Andou inconsideradamente não aceitando a proposta que lhe fiz por intermédio do Sr. Freitas Fortuna. O opúsculo com prefácio e notas daria entre 25 e 30 páginas. Estes sonetos provavelmente viriam a lume quando eu já não vivesse; e o meu amigo sabe quanto o público se interessa pelos últimos trabalhos dos que morreram. Sinto, pois, que a minha última [obra] não fosse editada pelo meu prezado amigo. (CABRAL, 1988, p. 240)

De Camilo para Freitas Fortuna, 27/09/89:

Se elle [Costa Santos] me tivesse dito que os sonetos só lhe convinham por um preço menor, eu seria até capaz de lh'os dar gratuitos, e não seria a primeira dadia; porém elle regeitou fundamentalmente a proposta. Não fez bem. Creio que os sonetos seriam lidos e procurados. Como já ahi não conheço os editores novos, e ainda menos d'aqui, os sonetos serão depois publicados posthumos, se assim minha mulher o entender. (COSTA, 1930, p. 131)

De Camilo para Freitas Fortuna, 03/10/89:

Tenho levado os sonetos ao número de 15, que bem impressos, com certa largueza, podem dar 32 pag., e portanto um opusculo razoavel. O titulo é *Sonetos impressionistas* por, etc.

N'estas novas condições, talvez ao Costa Santos conviesse publical-os. Se ao meu presado Freitas [Fortuna] parecer exagerado o meu pedido quanto a preço, eu deixaria ao seu arbitrio condicional-o.

Eu queria hoje mandar-lhe copia d'alguns sonetos, mas não ha tempo: prefiro mandar-lh'os todos se o Santos concordar.

Se fallar com elle hoje ou amanha e elle responder favoravelmente, peço-lhe que me diga duas palavras telegraficamente, porque o Luciano Cordeiro está tratando a venda dos sonetos com o Ferin; mas eu desconfio muito dos editores de Lisboa, e contava com a revisão de provas feita pelo meu amigo, sendo editor o Costa Santos. (COSTA, 1930, p. 134)

De Camilo para Freitas Fortuna, sem data:

⁴ Data registada pelo destinatário.

Muito lhe agradeço o repetido obsequio de parlamentar o snr. Costa Santos. Não aceito a proposta, nem por dinheiro algum me conformaria com a publicidade do meu nome.

A razão é a seguinte:

Como alguns dos sonetos são politicos e poderiam provocar retaliações, ser-me-hia hoje muito repugnante e penosa a polemica. Eu só lhe permittiria que elle fizesse publico o meu nome depois da minha morte, visto que a minha ausencia me dispensava de responder. Deixar portanto ficar os sonetos a amadurecer ou a apodrecer no rico espolio que eu cá deixo. (COSTA, 1930, p. 134-135)

De Ana Plácido para Freitas Fortuna, 06/10/89:

Senti que o Costa Santos não publicasse os sonetos, porque Camillo resentiu-se e chocou-se com o que elle chama desaire, e tem razão. Cincoenta mil reis pela propriedade d'um folheto de Camillo, realmente era melhor dado! Ainda se fosse publicado anonymo, mas só o nome valia os cincoenta mil reis!

Os sonetos já são 15, e ha mais umas 10 quadras a Thomaz Ribeiro. E não ficava aqui, porque este cerebro que precisa d'alimento vai sempre compondendo e trabalhando.

Emfim, eu vejo o Costa Santos muito esfriado na publicação das coisas do Camillo; e chegaram-me as lagrimas quando este me disse ha pouco: 'Guarda esse manuscrito. Quando eu morrer, verás que então já lhe darão valor.' (COSTA, 1930, p. 135-136).

De Camilo para Freitas Fortuna, 28/10/89:

Muito apreciei o lisonjeiro quilate com que exalta o meu pobre soneto. Não sei onde o meu amigo o pudesse ver com outra redacção, a não ser que alguém que o conhecia o publicasse sem licença minha.⁵

Tornou-se para mim monomania a fatura de sonetos. Já tenho 28. Alguns são politicos e ineditos.

Espero que recolha de Paris o livreiro editor Zeferino d'Albuquerque, que provavelmente os editará, e serão publicados com o meu nome.

Parece-me que o Costa Santos teria feito bem não os regeitando. (COSTA, 1930, p. 140)

De Camilo para Freitas Fortuna, 06/11/89:

Resolvi publicar com o titulo:

Nas trevas 26 sonetos expurgados d'outros que podiam magoar alguém.

[...]

A minha amanuense não é poetisa, como o amigo sabe: é possivel que haja versos incorrectos por falta de clara pronuncia quando os estou ditando. (COSTA, 1930, p. 142)

⁵ Sem a carta remetida por Freitas Fortuna, não temos forma de saber de que soneto se trata, ou mesmo se é um dos sonetos do bacharel Salomão II.

De Ana Plácido para Freitas Fortuna, 08/11/89: “Os sonetos são 26, portanto 26 pag. com mais 10 de prefácio. Como retirou os sonetos mais frizantes, vai com o seu nome a impressão.” (COSTA, 1930, p. 143).

Júlio Dias da Costa e Alexandre Cabral concluíram que o que seria inicialmente um pequeno livro de dez sonetos viria a dar origem a uma obra de maior envergadura. *Nas trevas* é um conjunto de “sonetos expurgados d’outros que podiam magoar alguém”, como afirmou Camilo. Ficaram de fora os mais polémicos, “frizantes”, segundo Ana Plácido, e portanto não houve a necessidade de se usar pseudónimo.

A Camiliana de Sintra

A Camiliana de Sintra, classificada como bem cultural de interesse público em 2020, inclui algumas peças-chaves para encontrarmos alguns dos sonetos rejeitados pelo escritor, como veremos nos parágrafos seguintes; estas peças fazem parte da coleção camiliana doada por Rodrigo Simões Costa à Biblioteca Municipal de Sintra, em 1939.

Uma das peças da coleção de Sintra é constituída por 22 folhas com um testemunho de *Extermínio d’Inglaterra*⁶ e quatro folhas com sete sonetos – cada soneto ocupa uma página, e a nota do primeiro soneto ocupa o verso da respetiva folha. O conjunto está guardado num bifólio a servir de capa, no qual está escrito, pela mão de Rodrigo Simões Costa, “(Manuscrito.) *Extermínio d’Inglaterra*. Trovas alegres por Camillo Castello Branco”.

Estes poemas foram copiados por Nuno, filho de Camilo, para um caderno de folhas pautadas de 21 linhas, cujas folhas foram cortadas, possivelmente com uma tesoura. As páginas que contêm o poema *Extermínio d’Inglaterra* estão numeradas nos cantos superiores externos. A numeração das páginas do poema satírico é fundamental, para não se perder a ordem das estrofes; aparentemente, foi utilizada a mesma tinta com que o poema foi copiado, e tudo aponta para que tenha sido Nuno a fazer a numeração. Quanto aos sonetos, foram escritos em quatro folhas, numeradas de 1 a 4 no canto superior esquerdo. Conseguimos perceber que os sonetos foram copiados antes de as folhas serem cortadas, dado que o corte atravessa algumas letras no início de estrofes (a leitura não ficou comprometida), e que a numeração é posterior ao corte, pois a última folha apresenta o corte do lado direito, ao contrário das restantes; o número 4 está, portanto, no verso da folha, invertendo a ordem pela qual os sonetos foram copiados⁷. Além da numeração posterior à remoção das folhas (já escritas) do caderno, há outros indícios de que quem numerou os sonetos não foi Nuno: o algarismo 4 é traçado em linhas retas, enquanto os de Nuno são consistentemente ondeados; a tinta é mais escura; os números estão sublinhados. Acredito que esta numeração seja de Rodrigo Simões Costa: o 4 é idêntico ao do camilianista, e a tinta parece coincidir com a que este usou nos bifólios que servem de capa a esta e outras peças da Camiliana de Sintra.

⁶ *Extermínio d’Inglaterra* é um poema satírico em reação ao ultimato inglês de 11 de janeiro de 1890.

⁷ De notar que esta inversão ocorreu na folha em que se encontra o soneto “Adeusinho”, cujo título terá induzido a pessoa que numerou estas quatro folhas a pensar que este era o último soneto do conjunto.

O catálogo de Rodrigo Simões Costa indica:

Original deste poema da autoria de Camilo, seu último trabalho, feito quando já cego e, por isso, escrito por seu filho Nuno. Tem juntos os autógrafos⁸ de uns sonetos, que foram publicados no *Diário Ilustrado*, sob pseudónimo. [...]

Este manuscrito foi-me cedido pela neta de Camilo, D. Raquel Castelo Branco, em 1932, conforme cartas da mesma, arquivadas no respetivo *dossier*.⁹

O manuscrito contém, além do poema atrás referido, [...] sete sonetos, a saber: ‘Lisboa restaurada’ (com uma nota, que se diz do autor, engraçada e contundente sobre Ramalho e Jaime José Ribeiro de Carvalho); ‘O Grande homem’ (ainda vergastante para Ramalho); ‘Um só lhe basta’ (também referente a Ramalho); ‘Eça e Ramalho’; ‘Mais cinco subsídios’; ‘*Tacuit musa*’ (contra Ramalho); e ‘Adeusinho’ (ainda com o assunto Ramalho).

Ana Plácido escreveu, numa carta a Henrique Marques¹⁰ datada de 07/04/93:

Estou resolvida a vender o poema, último trabalho de meu marido. Está incompleto; mas meu filho copiou 160 e tantas quadras para um volume em 4.º, prefaciando-o com 16 páginas em que conta circunstanciadamente o último dia do pai estremecido¹¹. Afora isto, há também algumas poesias inéditas e uns sonetos que foram publicados no ‘Ilustrado’ com pseudónimo.

A viúva do escritor não indica datas de publicação ou qual o pseudónimo; por sua vez, Henrique Marques não faz menção a estes sonetos na *Bibliografia Camiliana*. Duvidaria o investigador da autenticidade da autoria? Eis um excerto do texto introdutório: “Sei que este livro não é o que se chama a ultima palavra em bibliographia camilliana; mas o que tambem sei e affoitamente digo é que representa um consciencioso trabalho de investigação: tudo quanto n’elle se aponta é verdadeiro” (MARQUES, 1894, p. 7).

O testemunho sintrense do poema satírico *Extermínio d’Inglaterra* apenas foi dado a conhecer ao público em 1995, no número 2 da revista *Vária Escrita*. Estes sonetos, no entanto, foram praticamente ignorados, apesar de serem referidos na dita publicação: “Apenso ao poema encontram-se ainda sete sonetos e um pequeno texto¹², supostamente da autoria de Camilo, os quais não estão datados nem assinados” (CALHAU, 1995, p. 122).

⁸ Quando se refere a sonetos autógrafos, Rodrigo Simões Costa pretenderia dizer que eram da autoria de Camilo; a caligrafia é claramente de Nuno.

⁹ À presente data, estas cartas da neta do escritor encontram-se em parte incerta. Quanto ao *dossier*, é possível que contivesse documentos relacionados com aquisição de peças para a coleção de Rodrigo Simões Costa (cartas, recibos, etc.). A *Camiliana de Sintra* não inclui este tipo de documentos.

¹⁰ Há, na *Camiliana de Sintra*, três cartas de Ana Plácido para Henrique Marques, escritas entre fevereiro e abril de 1893; terão surgido no contexto da pesquisa para a *Bibliografia Camiliana*, publicada no ano seguinte.

¹¹ Este texto não se encontra na *Camiliana de Sintra*. Muito provavelmente, é o artigo “Último dia de Camilo”, publicado em *O Leme*, cujo redator principal era o filho de Camilo (CASTELO BRANCO, 1895, p. 1-2).

¹² Este *pequeno texto* é provavelmente a nota que está junto a um dos poemas.

Os nove sonetos

Tendo como pista o *Diário Ilustrado*, referido no catálogo da Camiliana de Sintra elaborado por Rodrigo Simões Costa e numa das cartas de Ana Plácido a Henrique Marques, foi possível encontrar neste jornal seis dos poemas do manuscrito de Sintra, e chegar finalmente ao pseudónimo: o bacharel Salomão II. Curiosamente, a publicação inclui dois sonetos sob este pseudónimo que não estão no manuscrito, mas não inclui o poema intitulado “Mais cinco subsídios”, que saiu no *Correio da Manhã*; do conjunto dos nove sonetos deste pseudónimo de Camilo publicados em periódicos em setembro de 1889, este é o único que não está relacionado com Ramalho Ortigão.

Temos, assim, acesso ao total dos poemas de *Dez sonetos de sensação pelo bacharel Salomão II e prefaciados por Herodes IV*, uma vez que o décimo faz parte de *Nas trevas*, como já ficou demonstrado na secção relativa à correspondência. A informação que Camilo deu a Freitas Fortuna acerca da temática dos poemas suporta esta conclusão: “oito d’estes sonetos referem-se ao Ramalho; o 9.º aos subsidios a varios malandros que foram a Paris; o 10.º refere-se á *Outra metade* e que o meu Freitas já conhece”.

Há algumas variantes entre os sonetos copiados por Nuno e os publicados, nomeadamente um dos títulos (“Adeusinho”/“Última Asneira”). Esta variante, apesar de interessante, não nos dá uma pista sobre a versão mais próxima da última vontade de Camilo. Tampouco podemos inferi-lo das variantes na pontuação, umas vezes mais correta no manuscrito, outras nas publicações, outras igualmente corretas.

Desconhecemos quem deu a publicar os sonetos ao *Diário Ilustrado* e ao *Correio da Manhã*. Não terão sido revistos por alguém da confiança de Camilo, até porque há mais erros evidentes no jornal (“incapaz de lutar como que quer que seja, a não ser as dificuldades da lingua”¹³, “Nunca mais versejar no ceu prometto”¹⁴, “Rica d’azote, oxijenio e óde”¹⁵).

Camilo, praticamente cego, tinha necessidade de ditar os textos. Podemos afirmar que não existem manuscritos autógrafos dos seus últimos trabalhos, ditados provavelmente a Ana Plácido (recordemos que, numa carta a Freitas Fortuna, Camilo se refere a ela como sua amanuense) ou ao filho Nuno. A família de Camilo saberia, portanto, qual a versão mais recente, e escolhê-la-ia para ser copiada.

Edição crítica dos poemas

Os primeiros sete sonetos são editados tendo como testemunho-base o manuscrito de Sintra, versão autorizada. Os dois últimos são editados a partir do testemunho único, o *Diário Ilustrado*.

As variantes rejeitadas são indicadas no aparato crítico, depois de parêntese reto. Os testemunhos serão representados pelas siglas S (Sintra), DI (*Diário Ilustrado*) e CM (*Correio da Manhã*). Moderniza-se a grafia e usa-se itálico para títulos. São mantidos itálicos e negritos.

¹³ No manuscrito, “incapaz de lutar com quem quer que seja, a não ser com as dificuldades de lingua”.

¹⁴ No manuscrito, “Nunca mais versejar ao céu prometto”.

¹⁵ No manuscrito, “Rica d’azóte, oxygéneo e ióde”.

Lisboa restaurada

Misérrima Lisboa,¹⁶ não te carpas!
Não chores, Messalina, que és feliz!
Tu ias resvalar; mas, por um triz,
Salvou-te o livro de Moral, as *Farpas!*¹⁷

Rolavas lacerada nas escarpas
De Sodoma, Gomorra e de Paris!
Regressaste às canduras infantis...
Ó anjos do Senhor, tangei as harpas!

Na redenção dum povo semimorto
Não falarei d'apóstolos minúsculos,
Uns missionários vãos de engenho torto.

Eu só conheço dois de férreos músculos;¹⁸
É o Ramalho Ortigão¹⁹, filho do Porto,
E o Jaime de Belém, o dos *Opúsculos*.

Nota do autor:

Estes dois escritores colaboraram no asseio do espírito e da matéria do seu país, ingrato e sujo. O Sr. Ramalho trasladou de qualquer idioma a Higiene da alma. O Sr. Jaime José²⁰, mais original, publicou os seus *Opúsculos* originais da Moral e Higiene. Há notáveis diferenças entre estes dois propagadores da limpeza indígena. O Sr. Ramalho é uma natureza peninsular, combustível, um lutador triunfante. O Sr. Jaime é um linfático, indolente, criado nas esteiras do Paço d'Ajuda, e incapaz de lutar com quem quer que seja²¹, a não ser com as²² dificuldades de língua²³ que ele resolve, cortando-a em postas como faria à saborosa língua de porco salgada. No entanto, honra seja feita aos dois propugnadores da Moral pelas *Farpas*, e da Higiene pelos *Opúsculos*.

Ó grande homem!

Num só país não cabem dois Ramalhos,²⁴
Nem consta que na Europa houvesse três;

¹⁶ Lisboa,] Lisboa S

¹⁷ *Farpas!*] *Farpas!* S

¹⁸ músculos;] músculos: DI

¹⁹ É o Ramalho Ortigão] É Ramalho Ortigão DI

²⁰ *Jaime José Ribeiro de Carvalho*.

²¹ com quem quer que seja] como que quer que seja DI

²² com as] as DI

²³ de língua] da língua DI

²⁴ Ramalhos,] Ramalhos S

Depois de penosíssimos trabalhos
Quebrou-se a forma em que o Diabo²⁵ o fez.

Somente houve um Camões, cantor de Inês;
Os Gamas não são dois, nem dois Carvalhos;
– Refiro-me ao Pombal – Ah! cheira a alhos
Ter dois Napoleões duma só vez.

Portugal cairá? Cai com certeza;
Mas se há coisas que nunca se consomem,
Ramalho, vencerás a natureza!

De ti dirão: ‘Os vermes jamais comem
Memórias do cãozinho da francesa,
Que tu salvaste aqui, ó grande homem!...’

Um só lhe basta

Bem hajas tu, ó mestre em pataratas,
Que salvaste o cãozinho da Madama!
Este reino selvagem te proclama
Salvador dos *totós* e das batatas!

Bem hajas tu que a pátria desacatas,
E a pontapés arrojas²⁶ sobre a lama!
Dest’arte se conquista a gorda fama
Que arranja no Brasil com frases chatas.

Confesso que não é pequena afronta
Vituperar a terra onde se engasta
Tal tipo, que em vaidade excede a conta!

E, se muitos não há da tua casta,
Ditosa pátria que em seu bojo aponta
Um Ramalho Ortigão!... e um só lhe basta.

Eça e Ramalho

Não venhas cá! Modera esses galopes
Que te acercam da pútrida Lisboa.
Não troques o frugal presunto e broa²⁷
Por estes ruins *bouillons*²⁸, reles xaropes.

²⁵ Diabo] diabo *S DI*

²⁶ arrojas] a rojas *DI*

²⁷ broa] broa. *DI*

²⁸ *bouillons*] *bonillons S DI*; erro por *bouillons*, palavra francesa que significa caldos.

Mas se vens, oxalá que nunca topes
Certos Planches da suja Madragoa,
Impando orgulho e arrogância e proa,
Papéis de embrulho em lindos envelopes.

Entre as coisas de Lysia mais patuscas,
Verás um sábio, um juvenil grisalho,
Que nos esparge a luz nas horas fuscas.

Contempla este esplêndido trabalho
Que a Natureza²⁹ fez! Se um génio buscas
Salta um génio! Eis saltam dois!... Eça, e Ramalho!³⁰

Mais cinco subsídios

Mandei ontem recado ao fressureiro
Que costuma vender-me o badulaque;
Mandei também chamar o salsicheiro
Do toicinho e da calda de tomate.

Também mandara aviso ao meu barbeiro;
Mandei fazer um fraque ao alfaiate,
E trazer-me os botins o sapateiro...
Passa o dia, mas à porta não se bate!

Vai alta a noite, e não se avista alguém!
Entra o criado a rir.³¹ ‘De que te ris?
De tantos que chamei não vem ninguém?’

Velhacamente o lorpa então me diz:
‘Os cinco personagens, se não vêm,
É que estão com subsídios em Paris³²’

Tacuit Musa

Esgotou-se-me a veia do soneto;
Sinceros parabéns aos meus leitores!
Curei-me destes flatos maçadores;
Nunca mais versejar ao céu³³ prometo.

²⁹ Natureza] natureza S

³⁰ Eça, e Ramalho!] Eça e Ramalho DI

³¹ rir.] rir S

³² estão com subsídios em Paris: referência à Exposição Universal de 1889, cujo pavilhão português esteve rodeado de polémica. Veja-se o número especial da revista *Pontos nos ii*, de Bordalo Pinheiro (1889, p. 2).

³³ ao céu] no ceu DI

Serviram-me estas rimas de brometo
Com que narcotizei enormes dores,
E um desejo facínora³⁴, uns furores
De estrangular Ramalho num terceto.

Mas a musa do riso nada pode
Sobre a mavórcia, rijada engrenagem,
Rica d'azote, oxigénio e iode.³⁵

Ramalho é sempre o mesmo, a mesma aragem
Pose, sorrisos, e o marcial bigode,
E a tesura gentil dum velho pajem.

*Adeusinho*³⁶

É costume dizer-se imbecilmente
Que o verso é sempre a língua da mentira.³⁷
Vou dizer de Ramalho o que me inspira
A consciência reta, intransigente.

Foi professor de línguas, tangeu lira.³⁸
Foi jornalista azedo e transcendente;³⁹
Vernáculo na frase, e assaz decente
No traje grave que a vigário aspira.

Lisboa é que o tolheu. Fez-lhe surpresa
Ver um peito erguido em ampla arca,
E o jaquetão e a calça à japonesa.

Soprou-lhe à já balofa natureza
De incurável filáucia uma anasarca
Que o torna um grande génio... à portuguesa.

E mais não disse

Patriótico Sr. Joaquim Ramalho,
Quando medito em V. S.^a,
Tal nervosismo as fibras me arrepiam
Que a bruta Europa insulto e atassalho!

³⁴ facínora] faccionóra S

³⁵ iode.] óde. DI

³⁶ Adeusinho] Última asneira DI

³⁷ mentira.] mentira, DI

³⁸ lyra.] lyra, DI

³⁹ transcendente;] transcendente DI

Arranco então do gládio, e os ventos talho
Bradando: *Viva a lusa Monarquia!*
E, logo que me passa esta mania,
Desato a rir, a rir, que me escangalho.

É que li nos Brasis a ceva tunda
Que deu na pátria enferma de velhice
Com grande gáudio do Caipora bunda.

Mas diga lá quem é, e sem pieguice:
É Codro? É Cúrcio? É Tell? Em que se funda?
– **Sou Ramalho Ortigão!** – E mais não disse.

Reincidência

– Meu pai! (exclama Ovídio) eu te prometo
Nunca mais versejar. – Diz a legenda
Que, mesmo prometendo ter emenda,
Fizera nada menos que um soneto.

Forte desgraça! coisa em que eu me meto
Induz-me a suspeitar de que eu descenda
De Públio Ovídio Naso, que em fazenda
Também me faz supor que sou seu neto.

Jurei que nunca mais versos faria,
Votei-me à prosa vil, chata e abjeta;
Toquei a mais formal sensaboria.

Impondo-me um feliz ar de pateta,
Passeava n'Avenida, um belo dia,
Vejo Ramalho! Eis-me outra vez poeta.

Conclusão

A descoberta destes sonetos esquecidos de Camilo levanta várias questões.

Desconheceria Camilo que estavam a ser publicados em jornais? Não há referência a estas publicações na sua correspondência. Camilo afirma, numa das cartas a Freitas Fortuna: “Muito apreciei o lisonjeiro quilate com que exalta o meu pobre soneto. Não sei onde o meu amigo o pudesse ver com outra redacção, a não ser que alguém que o conhecia o publicasse sem licença minha”; estaria a referir-se a um dos sonetos do bacharel Salomão II?

Porque é que Henrique Marques os deixou de fora da *Bibliografia Camiliana*, apesar de ter sido informado da sua existência pela viúva do escritor? Terá sido uma decisão consciente devido ao teor

polémico? Desconfiança de que estes poemas não seriam da autoria de Camilo? Esquecimento? Falta de tempo para averiguar algumas questões?

Porque é que o manuscrito copiado por Nuno contém apenas sete dos nove sonetos? Os restantes terão sido deixados de fora propositadamente? Uma vez que estamos perante folhas soltas, ter-se-á perdido alguma? Se sim, a perda ocorreu antes da aquisição desta peça por Rodrigo Simões Costa, já que o seu catálogo apenas refere estes sete sonetos.

Porque é que estes sonetos, que fazem parte da coleção camiliana doada por Rodrigo Simões Costa à Biblioteca Municipal de Sintra em 1939, nunca foram estudados/publicados até agora?⁴⁰ Por Camilo Castelo Branco ter sido sempre mais apreciado enquanto romancista do que enquanto poeta? A autoria terá sido posta em causa por a letra do manuscrito não ser de Camilo?

Estas e outras perguntas poderão nunca vir a ser respondidas. No entanto, a descoberta destes poemas contribui com uma peça importante para o estudo das relações do escritor com os seus concorrentes a partir da década de 70 de 1800, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, e da reacção dos românticos ao emergente realismo. As críticas de Camilo a Eça de Queirós são conhecidas. Vejamos um excerto de uma carta a Maria Amália Vaz de Carvalho:

Essa escola que abriu o Eça de Queirós vingará por duas dúzias de anos. Aquilo são fezes amassadas, mas a forma que ele lhes dá é atractiva. Tanto importa que a matéria-prima seja de alabastro como de guano; a estátua é bonita. Em cada 100 leitores há 99 Basílios, que gostam de se ver retratados. (CABRAL, 2003, p. 665)

Os oito sonetos que visam Ramalho Ortigão são mais surpreendentes. Segundo Alexandre Cabral,

Das 6 cartas conhecidas de Camilo para Ramalho Ortigão (3 de 1862, 1 de 1863, 1 de 1873 e 1 de 1876) se pode avaliar do fraternal sentimento de camaradagem que sempre os ligou. Reproduz-se um trecho da carta de 23-03-1876: ‘Você está escrevendo de modo que eu não leio mais ninguém, em português.’ (CABRAL, 2003, p. 573).

Que terá ocorrido entre 1876 e 1889 para Camilo sentir necessidade de criticar Ramalho, ainda que de forma encoberta? Algum ressentimento? Camilo sabia que os sonetos do bacharel Salomão II “podiam magoar alguém”, como explica em carta a Freitas Fortuna. Tudo parece indicar que tivesse em mente Ramalho, e não Eça.

A descoberta destes sonetos ajuda-nos, também, a compreender melhor o trabalho de Camilo, e a perceber o esforço criativo que sempre dedicou à poesia, apesar de não ser a este género literário que deve o reconhecimento enquanto escritor. Veja-se como caracterizava, neste seu último ano, o trabalho de criação poética face à criação em prosa, numa carta (sem data) a Freitas Fortuna:

⁴⁰ Se foram, não é do conhecimento dos funcionários que lidam de perto com a Camiliana de Sintra.

Eu completaria da melhor vontade o romance *Via sacra*, se pudesse. Não sou capaz de ditar uma página em prosa. Os sonetos são um trabalho d'outra espécie. Tenho-os composto em silêncio e vagarosamente: isto é muito diferente de declamar em alta voz o trecho complicado do romance.

Portanto, já agora, ficará incompleta a minha última novela. (COSTA, 1930, p. 147)

Referências

CABRAL, Alexandre. *Correspondência de Camilo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988. v. 6: Correspondência de Camilo Castelo Branco com Eduardo da Costa Santos.

CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho, 2003.

CALHAU, Basilissa. Extermínio da Inglaterra/Trovas Alegres. *Varia Escrita*, Sintra, n. 2, p. 121-184, 1995.

CASTELO BRANCO, Camilo. A outra metade. In: CASTELO BRANCO, Camilo. *Nas trevas: sonetos sentimentais e humorísticos*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1890. p. 73.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Delitos da mocidade: primeiros atentados literários*. Porto: Livraria Civilização, 1889.

CASTELO BRANCO, Nuno. Último dia de Camilo. *O Leme*, S. Miguel de Seide, n. 7, p. 1-2, out. 1895.

COSTA, Júlio Dias da. *Dois anos de agonia: cartas de Camilo e Ana Plácido a Freitas Fortuna*. Lisboa: Guimarães Editora, 1930.

LOBATO, Gervásio. Crónica ocidental. *O Ocidente*, Lisboa, n. 385, p. 194-195, 1 set. 1889.

MARQUES, Henrique. *Bibliografia Camiliana*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1894.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Exposição universal de Paris: o pavilhão português do Quai d'Orsay. *Pontos nos ii*, Lisboa, 1889. Número especial.

Sonetos de Camilo Castelo Branco (por ordem de publicação)

CASTELO BRANCO, Camilo. Um só lhe basta. *Diário Ilustrado*, Lisboa, n. 5898, p. 3, 6 set. 1889.

CASTELO BRANCO, Camilo. Ó grande homem! *Diário Ilustrado*, Lisboa, n. 5899, p. 3, 7 set. 1889.

CASTELO BRANCO, Camilo. E mais não disse. *Diário Ilustrado*, Lisboa, n. 5904, p. 3, Lisboa, 12 set. 1889.

CASTELO BRANCO, Camilo. Eça e Ramalho. *Diário Ilustrado*, Lisboa, n. 5905, p. 3, 13 set. 1889.

CASTELO BRANCO, Camilo. Lisboa restaurada. *Diário Ilustrado*, Lisboa, n. 5908, p. 3, 16 set. 1889.

CASTELO BRANCO, Camilo. Tacuit Musa. *Diário Ilustrado*, Lisboa, n. 5909, p. 3, 17 set. 1889.

CASTELO BRANCO, Camilo. Reincidência. *Diário Ilustrado*, Lisboa, n. 5911, p. 3, 19 set. 1889.

CASTELO BRANCO, Camilo. Última asneira. *Diário Ilustrado*, Lisboa, n. 5913, p. 2, 21 set. 1889.

CASTELO BRANCO, Camilo. Mais cinco subsídios. *Correio da Manhã*, Lisboa, n. 1483, p. 1, 21 set. 1889.

Recebido em 24 de janeiro de 2024.

Aprovado em 30 de agosto de 2024.

Resumo/Abstract

O bacharel Salomão II, pseudónimo de Camilo Castelo Branco: nove sonetos esquecidos que visam Ramalho Ortigão e Eça de Queirós

Patrícia Franco

Este artigo de Crítica Textual tem como principal objetivo dar a conhecer, através de uma edição crítica, nove sonetos de Camilo Castelo Branco recentemente descobertos, bem como a história que os rodeia. A temática polémica, que inclui a referência a escritores realistas como Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, teria sido um dos motivos para os poemas não terem sido publicados em livro. Camilo, quase cego e a poucos meses de pôr fim à vida, deixara de escrever romances; as criações deste período, por serem escassas, são de especial importância para compreender o pensamento de um dos maiores romancistas da língua portuguesa.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Crítica Textual, pseudónimo.

The bachelor Salomão II, pseudonym of Camilo Castelo Branco: nine forgotten sonnets aimed at Ramalho Ortigão and Eça de Queirós

Patrícia Franco

The main objective of this article in Textual Criticism is to draw attention to recently discovered nine sonnets by Camilo Castelo Branco. The controversial theme, which includes references to realist writers such as Ramalho Ortigão and Eça de Queirós, may have been one of the reasons of why these sonnets were not published in a book. Camilo, nearly blind and just a few months away from ending his life, had stopped writing novels. His works from this period, being scarce, hold special importance for understanding the mindset of one of the greatest novelists in the Portuguese language.

Keywords: Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Textual Criticism, pseudonym.